

E assim fui sendo despertado para a beleza da História

(que detestava quando impingida pelo compêndio «mattosiano»)

Era frequente o meu Pai levar-me a Lavos, ali junto á Figueira da Foz, cidade onde leccionou, a uma bonita mansão que ficava à beira da estrada nacional que ligava Figueira, a Leiria. E junto a uma frondosa árvore (palmeira ,creio) contar-me (vezes repetidas mas sempre cheias de interesse, pois de cada vez juntava mais um ou outro facto interpretativo) que ali, sob a copa daquela frondosa e secular árvore se teria acolhido Arthur Wellesley (futuro Duque de Wellington) , quando em Agosto de



Arthur Wellesley

1808 desembarcara na referida povoação, para vir combater os Franceses. O que faria na Roliça, e depois em Vimioso, levando à capitulação do exército de Junot¹, instalado em Lisboa, gozando das carícias e enlevos lascivos da mulher do Conde de Ega, em troca da nomeação deste para encarregado dos Negócios da Justiça..



Junot

¹ Este Junot, figura com que nunca engracei, tinha apenas 28 anos e teria sido um mero sargento .Quando Napoleão lhe ditava uma ordem em simultâneo com outras(dizia-se que ditaria sete ao mesmo tempo) uma bala de canhão caiu próximo. Todos os escribas das ordens fugiram à excepção de Junot ,que terá dito « *a terra levantada até foi boa para secar a tinta*».E com tal dito terá sido promovido a General.

Aproveitava, meu Pai, para me dar conta e assim me responder, o que teria estado por detrás das invasões Napoleónicas, e tentava desfazer o mau julgamento que eu fazia da debandada «cobarde» do *feioso* D. João VI para o Brasil, com a sua abominável Joaquina.

E claro: dava-me uma extensa ideia do que se seguiu e como se teria desenrolado a campanha na nossa região. Coisa de que eu nunca teria ouvido falar nas intragáveis aulas oficiais.

Assim contava-me o episódio do roubo perpetrado pelo franceses na Igreja de Ílhavo, e por acréscimo, de como o Padre Malaquias tinha enterrado a custódia (e outras – *poucas!*-riquezas do culto) salvando-a do vandalismo dos homens de Junot. Explicava-me ,assim ,a importância dos elementos dos servidores da Igreja participando activamente na guerrilha que dizimou uma boa parte dos exércitos napoleónicos, considerada uma cáfila perigosa de maçons e jacobinos, prontos para difundir ideias perigosas para a Instituição . Lutou-se, assim, tumultuosamente, e com raiva, pelo «trono e pelo altar», defendendo o Regente e a «santa igreja». Incentivando as populações a cumprir a estratégia de «terra queimada», maquinada por Wellington.

A história, assim, era um deleite. História de factos, mas em que cada facto tinha a sua história e o seu lugar. Um exercício absorvente onde o factor humano vinha sempre como sujeito da história.

Andando agora às voltas com Sousa Ribeiro e a Barra de Aveiro (antes e depois), passou-me pelas mãos muita documentação sobre a importância da referida Barra, quando logo após a sua abertura no local definitivo (1808), mais concretamente em 13 de Maio de 1809, aqui deu entrada uma notável frota de navios (40 para uns, 41 para outros). Navios que vieram trazer provisões aos exércitos de Paget e Trant, que intentavam a libertação do Porto.

Acho curioso aqui dar conta dos principais registos que fui apontando.

Em 2 de Junho de 1809, Luis Gomes de Carvalho, o engenheiro que dirigiu os trabalhos de abertura da barra no local onde hoje se encontra, dava conta a D. Miguel Pereira Forjaz, Ministro da Guerra que " *no dia 13 de Maio ,por feliz coincidência dia do aniversário de S.A, entraram na Barra de Aveiro, 39 navios de transporte ingleses, e mais dois brigues de guerra, num total de 41 navios*".

De facto Wellington aproveitaria o bom estado da Barra para mandar abastecer o «seu» exército que se preparava para atacar os franceses que tinham atravessado o Vouga, levando-os de debandada até ao Porto.

O Juiz da Alfândega de Aveiro, José António Leão, chega a informar " *que a frota escoltada pelo brigue Port Mahon, entrou com viveres e forragens para o exército inglês*" e dada a boa causa " *entendeu não cobrar despachos, direitos e outras formalidades*", pedindo ratificação à mesma. Desta informação receberá a total concordância de D. João, Regente do Reino.

Ora o espantoso facto lateral que sempre me meteu terríveis engulhos, foi meu Pai relatar-me que tal (a entrada da esquadra) se ter processado em **hora e meia**. Como terá sido possível

?!.Que precisão e arte de bem velejar não teriam sido necessárias para meter 41 embarcações de elevado porte ,à vela, dentro da barra(e fundear com disciplina, manobrar já no interior etc. etc.),em tão pouco tempo? Eu, que vi por vezes os lugres bacalhoeiros quando regressados da campanha dos mares do norte, já com meios de reboque, e as dificuldades e tempo necessários quando se juntavam dois ou três numa mesma maré, espanta-me como poderia ter acontecido aquele record com 41 navios!

Mas certo é, que posteriormente passaram-me pelas mãos inúmeros documentos que atestam o feito. São vários,e de diversa fonte, os documentos que confirmam este espantoso acto de elevada perícia náutica. Adiante...continuemos na 2ª Invasão...e por aqui.

Garantido o abastecimento aos exércitos libertadores, o primeiro confronto deu-se entre Albergaria-a-Velha e Albergaria a Nova, que iniciado às 4-30 horas da manhã, viria a terminar rapidamente às 10 horas. Os franceses, vencidos, recuaram para Pinheiro da Bemposta e Oliveira de Azeméis. Sempre acossados pelos ingleses, foram recuando, refugiando-se em Grijó, de onde tiveram que fugir á pressa.

É destes episódios que ressaem dois acontecimentos dignos de registo. Um dramaticamente lamentável ,quando o General Thomières (francês) ,na Arrifana ,mandou sortear 71 mancebos e os mandou fuzilar de imediato, por pura retaliação.

Outro, de espantoso cinismo, aconteceu quando os generais franceses jantavam lautamente no convento de Grijó, outros dizem, no Palácio das Carrancas, avisados de terem os ingleses á perna , tiveram de interromper o repasto, à pressa, e fugir, leustos, mesmo com o estômago a dar horas, salvando a pele. E o facto é que estavam tão perto que foram eles (os ingleses) que deram cabo das vidualhas, já na mesa, ainda fumegantes..

Soult é obrigado a abandonar o Porto, finalmente liberto. E atravessando serranias irá refugiar-se na Galiza.



Soult

Terminava a 2ª invasão.

Retenho então uma série de explicações: porque teria Napoleão invadido Portugal? Várias... e se calhar nenhuma em especial. Precisava dos portos portugueses por onde passava uma boa

parte do comércio europeu²? Esperava, como em Espanha, obter a capitulação do Príncipe, e assim tomar de bandeja as riquezas incomensuráveis do Brasil?

Exigido que lhe foi ,por Napoleão integrar-se no Bloqueio Continental, Portugal precisou de



«Retirada estratégica» ou fuga para o Brasil?.

grande perícia diplomática para não afrontar os ingleses. Se o fizesse, a Inglaterra apossar-se-ia unilateralmente do Brasil.

Hellas!!! ...percebi então que o D.João tinha, assim, justificação para a sua fuga. De interesse para a Pátria.Com ele foram 15.000 (ou 7.000) inúteis cortesãos. E assim aquele futuro rei – *muito badalhoco* – ,que guardava o comer nos bolsos da casaca de onde os retirava para os comer à mão, subiu ligeiramente na minha (pouca) consideração. Fez bem a Carlota se lhe deu um *purgantezito* para o mandar desta para melhor (dizem!).

SF (Out. 2011)

² Em 1800 o comércio *per capita* português era superior ao de Espanha, e até do conjunto dos estados italianos e alemães.